

O DIABO E OS TRÊS FIOS DE CABELO

Era uma vez uma mulher muito pobre que teve um filho que nasceu empelicado. Foi predito, então, que, aos quatorze anos, casaria com a filha do rei. E aconteceu que, pouco tempo depois, o Rei esteve na aldeia, viajando incognito, e, quando indagou dos moradores as novidades ocorridas ali, disseram-lhe:

— Há poucos dias, nasceu um menino empelicado. Dizem que dá muita sorte e que aos quatorze anos ele se casará com a filha do Rei.

O Rei, que era muito mau, ficou furioso com a profecia, foi procurar os pais da criança, e disse-lhes:

— Vocês são muito pobres. Entreguem-me seu filho, que ele será bem tratado.

Os pais se recusaram, a princípio, mas quando o estranho lhes ofereceu uma grande quantia, acabaram concordando, pensando também: “Ele nasceu empelicado, tem muita sorte, há de ser muito feliz”.

O Rei colocou o menino em uma caixa, que jogou na primeira água profunda que encontrou, pensando “Livrei minha filha de um pretendente indesejável”.

A caixa, porém, não afundou. Foi flutuando na água e acabou sendo levada até parar na represa de um moinho situado a duas milhas de distância da capital do reino. Um ajudante de moleiro, que estava pescando ali, viu a caixa e a recolheu e abriu, com a esperança de encontrar um tesouro. Vendo, porém, a criancinha, levou-a para o moinho e entregou-a ao moleiro e sua mulher, que, como não tinham filhos, acabaram ficando muito satisfeitos de o adotarem.

— Afinal Deus nos deu um filho! — disseram.

E o menino, tratado com todo o carinho, cresceu bonito e robusto. E aconteceu que certo dia, para se abrigar de uma tempestade, o Rei entrou no moinho e, vendo o jovem, perguntou ao moleiro se ele era seu filho.

— Não — respondeu ele. — É adotado. Há quatorze anos, ele apareceu, dentro de uma caixa, na represa do moinho, e nós o recolhemos.

O Rei compreendeu então que se tratava, nada mais, nada menos, do menino que ele próprio jogara na água, para morrer afogado.

— Este jovem não poderia levar uma carta para a Rainha? — disse então ao casal. — Eu lhe darei duas moedas de ouro como recompensa.

— É claro que pode, Majestade! — concordou o casal, imediatamente.

E o rapazinho foi despachado para o palácio, levando para a Rainha um bilhete, dizendo: “Logo que o rapaz chegar com este bilhete, faze com que ele seja morto e enterrado, antes que eu volte para casa”.

O rapaz saiu com o bilhete, mas perdeu o caminho e, ao anoitecer, chegou a uma floresta. Na escuridão, avistou uma luzinha e, caminhando em sua direção, chegou a uma cabana. Entrou, e lá dentro se encontrava uma velha, sentada junto do fogo. Ela estremeceu ao ver o jovem e perguntou-lhe:

— De onde vens e aonde vais?

— Venho do moinho e quero procurar a Rainha, para quem levo uma carta. Mas perdi o caminho na floresta e gostaria de pernoitar aqui.

— Coitado de ti! — exclamou a velha. — Chegaste a um covil de salteadores, que, quando vierem para casa te matarão.

— Podem vir — replicou o jovem. — Não tenho medo. E estou tão cansado que não aguento ir mais longe.

E deitou-se em um banco e adormeceu.

Pouco depois, os salteadores chegaram e perguntaram quem era o estranho que estava dormindo no banco.

— É um jovem inocente que se perdeu na floresta e pediu para pernoitar aqui. Ele está levando uma carta para a Rainha. Os salteadores levaram a carta e tiveram pena do jovem e o seu chefe rasgou a carta e escreveu outra, dizendo que, logo que ele chegasse ao palácio, deviam casá-lo imediatamente com a princesa. Depois, deixaram-no dormir tranquilamente e de manhã, quando ele acordou, deram-lhe a carta e ensinaram-lhe o caminho.

Quando a Rainha recebeu e leu a carta, fez o que nela estava recomendado e o casamento da princesa com o jovem aldeão foi celebrado com toda a pompa. E, como o jovem era simpático e bonito, a noiva se sentiu muito feliz com o casamento.



Algum tempo depois, o Rei voltou ao Palácio e constatou que a profecia se cumprira e o filho do aldeão se casara com sua filha.

— Como foi que isso se deu? — perguntou à Rainha. — A ordem que dei na carta foi em sentido exatamente oposto.

A Rainha, então, mostrou-lhe a carta, e ele viu que não era a que escrevera. Perguntou então ao agora seu genro o que fizera da carta que lhe confiara e por que a substituíra.

— Não sei — respondeu o jovem. — Deve ter sido trocada na noite em que dormi em uma cabana da floresta.

— Seja como for, não podes ter o que queres da maneira que escolheres. Quem casa com minha filha tem de ir ao inferno e trazer de lá três fios de cabelo dourado do Diabo. Traze o que estou querendo e poderás continuar com minha filha.

Assim falando, estava convencido de que amedrontaria o jovem, mas este tinha muita confiança em sua boa sorte, por ter nascido empelicado, e retrucou muito calmo:

— Vou buscar os três fios de cabelo. Não tenho medo do Diabo.

E partiu rumo ao inferno. No caminho, passou por uma grande cidade, onde o vigia da porta principal da muralha perguntou-lhe qual era a sua profissão e o que sabia.

— Sei tudo — respondeu o jovem afortunado.

— Então, podes nos dizer uma coisa — disse o guarda. — Por que é que o chafariz do nosso mercado, em que corria vinho, agora não nos dá água sequer?

— Vais saber porquê — prometeu o jovem. — Mas espera até eu voltar.

Prosseguiu viagem e chegou a uma outra cidade, e também ali o guarda quis saber a sua profissão e o que sabia e ele disse que sabia tudo, o vigia quis saber por que uma árvore que dava frutos de ouro agora nem sequer tem folhas. E ele prometeu contar quando voltasse.

Mais adiante, chegou a um rio muito largo e o barqueiro que o levou à outra margem quis saber por que ele tinha sempre de remar em uma ou outra direção e jamais tinha descanso. E, mais uma vez, o jovem prometeu dizer quando voltasse.

Logo adiante, ele chegou à entrada do inferno. Dentro reinava profunda escuridão e o Diabo não estava em casa, mas sua avó lá se achava, sentada em uma grande poltrona.

— O que queres? — ela perguntou, de maneira bastante cordial.

Não parecia má pessoa.

— Eu gostaria de arranjar três fios dourados na cabeça do Diabo — respondeu o jovem. — Sem isso, não poderei continuar casado com minha mulher.

— Estás pedindo muita coisa — disse a velha. — Se meu neto voltar a te encontrar aqui, isso te custará a vida. Mas estou com dó de ti e vou ver se posso te ajudar.

Transformou-o em uma formiga e disse-lhe:

— Esconde-te em uma dobra do meu vestido, que estarás em segurança.

— Muito obrigado — disse o jovem, ao mesmo tempo que seguia a sugestão. — Mas ainda há três coisas que eu desejaria saber — acrescentou. — Por que um chafariz de onde saía vinho hoje não sai água sequer? Por que uma árvore que produzia frutos de ouro hoje não tem folhas sequer? Por que um barqueiro tem de remar sempre para diante e para trás, sem jamais descansar?

— São perguntas difíceis de serem respondidas — disse a velha. — Mas fica bem caladinho e presta atenção no que o Diabo disser, quando eu lhe tirar os três fios de cabelos dourados.

Ao anoitecer, o Diabo voltou para casa. Mal entrara, notou que o ar não estava puro.

— Aqui me cheira a carne humana! — exclamou.

Farejou, então, por toda a parte, mas nada pôde encontrar.

— Tudo está muito limpinho — protestou sua avó. — Precisas deixar essa mania de andares sempre sentindo cheiro de carne humana! Senta-te e come o teu jantar.

Tendo comido e bebido à farta, o Diabo ficou com sono e adormeceu apoiando a cabeça no colo de sua avó. A velha arrancou, então, um fio de seu cabelo e ele acordou e deu um grito.

— O que é isso? — gritou.

— É que eu dormi, tive um pesadelo e, na minha aflição, puxei teu cabelo — explicou a velha.

— E qual foi o pesadelo? — perguntou o Diabo.

— Sonhei que um chafariz de onde saía vinho agora nem água está saindo — respondeu a avó.

— Ora! — disse o Diabo. — Isso é porque há um sapo enterrado sob a pedra da fonte que abastece o chafariz, se matarem o sapo, o vinho correrá de novo.

A velha esperou o Diabo dormir de novo e arrancou o segundo fio de cabelo, e apresentou ao neto a mesma desculpa que apresentara antes: tivera um pesadelo; em certo reino, havia uma árvore que dava frutos de ouro e agora sequer tinha folhas.

— Ora! — disse o Diabo. — Isso é porque há um rato roendo as suas raízes. Se matarem o rato, a árvore voltará a dar frutos de ouro.

A mesma cena ainda se repetiu pela terceira vez, e o Diabo explicou o caso do barqueiro:

— Ele pode se livrar com a maior facilidade. Quando aparecer alguém querendo atravessar o rio, basta ele empurrar o remo para as suas mãos e o outro terá que remar e ele estará livre.

Depois disso, já estando sua avó da posse dos três fios de cabelo e conhecendo as três respostas, o Diabo pôde dormir sossegado até o dia seguinte.

E quando ele saiu de casa, a velha fez com que o jovem retomasse a sua forma humana, entregou-lhe os três fios de cabelo e explicou-lhe as três questões que deveria esclarecer.

Depois de agradecer muito a valiosa ajuda da avó do Diabo, o jovem saiu do inferno, onde tudo correrá tão bem, e tratou de iniciar a viagem de volta.

Quando atravessou o rio, teve o cuidado de dar a resposta ao barqueiro quando já estava na outra margem:

— Quando transportares alguém em teu barco, empurra o remo para a sua mão! — gritou de bem longe.

Nas portas das duas cidades pelas quais passou depois, não precisou tomar precaução alguma, e os guardas ficaram muito gratos e muito satisfeitos com a explicação que ele lhes trouxe. E como recompensa, ele ganhou em cada uma cidade dois burros carregados de ouro.

Afinal, o jovem afortunado voltou para junto da princesa, que ficou muito alegre ao vê-lo e mais ainda quando ele contou como fora bem sucedido em sua viagem ao inferno e adjacências. O Rei, ao receber os três fios de cabelo dourado, e, principalmente, ao ver os quatro burros carregados de ouro, não relutou mais um instante em aceitá-lo como genro. Teve, porém, curiosidade de saber onde ele arranjara tanto ouro.

— É muito simples — disse o jovem afortunado. — Quando chegares ao rio, dize ao barqueiro que te leve para a outra margem. Lá há ouro à vontade, para quem quiser. Basta o trabalho de apanhá-lo.

Ambicioso como era, o Rei mais do que depressa correu ao rio e mandou que o barqueiro o levasse à outra margem. Lá chegando, porém, o barqueiro empurrou o remo para as suas mãos e pulou para fora do barco. E assim o Rei lá ficou, purgando os seus pecados, e é bem capaz de estar até hoje remando de cá pra lá e de lá pra cá. Se não estiver, é porque já empurrou o remo para a mão de outro infeliz.